

## **TRADUÇÃO E GLOBALIZAÇÃO DA FICÇÃO: O EXEMPLO DE ALEXANDRE DUMAS PAI NA AMÉRICA DO SUL**

## **TRANSLATION AND GLOBALIZATION OF FICTION: THE EXAMPLE OF ALEXANDRE DUMAS FATHER IN SOUTH AMERICA**

*Jean-Yves Mollier*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo destrincha analiticamente as condições de possibilidade - tecnológica, cultural, econômica – para a circulação do romance francês na América do Sul, utilizando-se do exemplo a trajetória dos livros de Alexandre Dumas Pai no continente sul-americano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tradução. Globalização. Alexandre Dumas.

**ABSTRACT:** The article scrutinizes the conditions of possibility – technological, cultural and economical – for the circulation of the French Novel in South America, using as a case study the trajectory of Alexandre Dumas Father's books in the South American continent.

**KEYWORDS:** Translation. Globalization. Alexandre Dumas.

---

<sup>1</sup> Universidade de Versailles.

## TRADUÇÃO E GLOBALIZAÇÃO DA FICÇÃO: O EXEMPLO DE ALEXANDRE DUMAS PAI NA AMÉRICA DO SUL

### INTRODUÇÃO

No tempo em que alimentava as páginas de seu cotidiano, *Le Mousquetaire*, com suas viagens e aventuras sentimentais, Alexandre Dumas Pai não hesitava em misturar lembranças e ficção. Encontra-se assim em um romance muito esquecido hoje, *Une aventure d'amour*, publicado em seu periódico de outubro de 1859 a janeiro de 1860, e alguns meses mais tarde em volume, um retrato muito curioso do escritor. Acompanhado de uma amiga a bordo do barco a vapor que fazia a ligação Colônia-Coblence e passava perto do rochedo de la Lorelei, o romancista iniciou uma conversa com duas jovens sul-americanas originárias de Montevidéu e que falavam um francês muito puro. Surpreso por ouvir uma delas lhe afirmar que ele era o padrinho do jovem garoto que as acompanhava, Alexandre Dumas a convidou a lhe confiar as chaves desse mistério. Jamais tendo de fato posto os pés no Novo Mundo, diferentemente de seu pai, o general originário das Antilhas, ele não compreendia como tinha podido estabelecer ligações que explicassem essa filiação.

Convidada a falar, a jovem lhe explicou que após a guerra civil que devastou seu país, a cidade situada do outro lado do Rio da Prata, frontal a Buenos Aires, pôde enfim se modernizar e se desenvolver: “Ora, quando Rosas foi repudiado, a paz estabelecida, e nós pudemos respirar, proseguiu a narradora, nosso primeiro desejo foi, para nos colocar na marcha da civilização, imitar as principais cidades da Europa na criação de seus mais úteis ou mais filantrópicos estabelecimentos. O primeiro, ou um dos primeiros de todos, foi um abrigo para crianças abandonadas. Pois bem, a criança que aí vedes foi aquela que inaugurou o estabelecimento, e vosso nome é tão popular em Montevidéu que ele lhe foi dado a fim de que trouxesse felicidade ao novo abrigo”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Alexandre Dumas pai, *Une aventure d'amour*, Paris, Michel Lévy frères, 1860, p. 60. Esse romance foi reeditado pelos *Cahiers Alexandre Dumas* em 2007.

Muito orgulhoso de apertar contra seu peito esse afilhado nascido na capital do Uruguai, o romancista parece atestar, pela emoção que se apodera dele nesse instante, a autenticidade da lenda que o envolvia algumas semanas antes que ele empreendesse, próximo a Garibaldi, essa extraordinária Expedição dos Mil<sup>3</sup> que o conduziu à Sicília e a Nápoles, em plena revolução da Itália moderna.<sup>4</sup> Ao leitor tentado em lançar em dúvida essa bela história ou em atenuar um pouco a popularidade sul-americana do pai do *Conde de Monte-Cristo* e dos *Três Mosqueteiros*, convém lembrar, no entanto, que Dumas já havia se interessado por esta região do mundo dez anos antes, e que ele havia publicado, em 1850, um volume ainda menos conhecido que este *Aventure d'amour*, que tinha por nome *Montevideo, ou Une nouvelle Troie*.<sup>5</sup> Inteiramente dedicada à causa da “Defesa” da heroica cidade durante a “Guerra Grande”, que devastou, de 1843 a 1851, esta parte do continente americano, essa obra exaltava o combate de Melchor Pacheco y Obes, o político que tinha se oposto à ditadura do general Rosas e tinha assegurado a vitória dos uruguaios contra a Argentina. Claramente tomando partido por esse personagem que ele havia frequentado quando de sua visita à França e do qual pode-se perguntar se algumas páginas não foram ditadas por ele,<sup>6</sup> Dumas iria colocar seu nome e sua notoriedade a serviço dessa causa que ele estimava justa. Expedida a Montevideu desde sua saída das prensas da gráfica Chaix, *Montevideo ou Une nouvelle Troie* conheceu duas edições sucessivas que arrebataram os habitantes da cidade portuária. Vendido em francês a um público capaz de ler – ou de mandar traduzir – o texto, esta epopeia contribuiu grandemente para acreditar ao Novo Mundo a ideia de que Dumas Pai era efetivamente um amigo dos povos bem decididos a conquistar ou consolidar sua independência.

Quando, em 1860, publicava *Une aventure d'amour*, o jornalista-dramaturgo-romancista e guerrilheiro tinha outras razões para retornar a suas ligações com o Uruguai. Empenhado em um ardente apoio e, logo, em uma fraternidade de armas com Giuseppe Garibaldi, que tinha vivido no Brasil de 1837 a 1841 e no Uruguai de 1841 a 1846, ele iria traduzir e publicar suas *Mémoires*, contribuindo assim para popularizar a causa da unificação italiana. Do mesmo modo que, em 1850, ele tinha contribuído fortemente com Melchor Pacheco y Obes, ao ponto de que se contava que os montevidenses se tinham “mosqueteirizado” lendo sua narrativa,<sup>7</sup> as *Mémoires* de Garibaldi devem muito ao editor americano Théodore Dwight, que havia produzido uma versão inglesa delas em 1859, e da qual o redator-chefe e proprietário do *Mousquetaire* não tinha deixado de mandar traduzir as passagens mais significativas. Além dessas reminiscências que o reportavam a dez anos antes, Dumas não havia cessado de se interessar pela América do Sul e de falar dela cada vez que a ocasião se apresentava. Assim, em *Le Capitaine Paul*, um romance histórico publicado em 1838, ele evocava o trajeto de uma fragata francesa que ligava Lorient a La Nouvelle-Orléans e ao golfo do México, passando por Cayenne e Havana, o que não devia nada à imaginação desenfreada do romancista, mas testemunhava um bom conhecimento dos itinerários seguidos pelos barcos para ligar os dois continentes.

É então para testar essa primeira forma de globalização da ficção, à qual o meio do século XIX deu lugar, que escolhemos estudar o caso de Alexandre Dumas Pai. A tradição cubana, muito pujante ainda hoje, não relata que, se um dos melhores charutos das ilhas do

<sup>3</sup> Um dos episódios de unificação da Itália no final do século XIX, comandado por Giuseppe Garibaldi – *nota dos tradutores*.

<sup>4</sup> Sobre a vida de Dumas, ver Claude Schopp, *Alexandre Dumas*, Paris, Mazarine, 1985.

<sup>5</sup> A. Dumas, *Montevideo ou Une nouvelle Troie*, Paris, Imprimerie Napoléon Chaix, 1850.

<sup>6</sup> Ver Arturo Rodriguez Peixoto, “Montevideo: legendes, romans et histoire d’une ville assiégée”, trad. fr. Michel Puydenot, *La Ciudad em la literatura latino-americana*, The Americas Society, 2001, Raúl Montero-Bustamante, “Alejandro dumas, Rosas y Montevideo”, *Homenaje a Raúl Montero Bustamante*, 1955, vol. II, et Jacques-André Duprey, *Dumas, Pacheco et la Nouvelle Troie*, Montevideo, Ediciones del Bichito, 2006.

<sup>7</sup> Raúl Montero Bustamante, *op.cit.*

Caribe traz o nome de “Monte-Cristo”, é em honra do romancista? Ela acrescenta ainda que as obras do pai de Edmond Dantès eram tão populares, no verdadeiro sentido do termo, nesse lugar do mundo, que os trabalhadores das fábricas de charutos dividiam as despesas para pagar um dentre eles a fim de que ele lhes fizesse a leitura das obras de Alexandre Dumas Pai enquanto enrolavam as folhas de tabaco. A audição ou a leitura em voz alta do *Conde de Monte-Cristo* provocou entre eles uma emoção tão grande, que eles deram a honra de batizar com o nome de seu herói o melhor charuto proveniente de suas oficinas. Verdadeira durante a tradição uruguaia segundo a qual os franceses do Segundo Império denominaram “pachecos” os grandes leques tornados moda por seu herói nacional, Pacheco y Obes, durante sua estadia parisiense, essa tradição cubana nos introduz diretamente no coração das transferências culturais em curso no século de ouro da literatura francesa, em uma época em que a *worldliterature* se escrevia na língua de Balzac, de Dumas e de Hugo, e em que numerosos romancistas estrangeiros foram inicialmente imitadores do romance-folhetim parisiense antes de encontrar seu caminho, quer se nomeiem Benito Perez Galdos na Espanha ou Carolina Invernizio na Itália. Nacionalizando “Alejandro” Dumas, “Pablo” Feval e “Eugenio” Sue,<sup>8</sup> os leitores sul-americanos tinham traçado a via de uma globalização das trocas culturais, na qual a tradução exerceu evidentemente um grande papel.

## A IMPRENSA A SERVIÇO DO ROMANCE A VAPOR

Em um romance-folhetim publicado em 1845, *César Falempin*, o escritor Louis Reybaud põe em cena o industrial Granpré, primeiro empresário literário a ter concebido e organizado uma usina de romances. Trinta células foram instaladas lado a lado a fim de que cada romancista, especialista em um tema único e encarregado de redigir um único trecho, pudesse transmiti-lo, mal seca a tinta, a seu vizinho: “Cada um trata do que sabe fazer melhor, comenta o fabricante, e, como disse Adam Smith, o folhetim chega assim a seu mais alto grau de aperfeiçoamento”.<sup>9</sup> Fortemente inspirado no panfleto de Eugène de Mirecourt intitulado *Fabrique de romans, maison Alexandre Dumas et Cie*, essa ficção ilustra a força do debate suscitado nos anos 1835-1850 pela chegada do romance-folhetim,<sup>10</sup> de que a diatribe de Sainte-Beuve contra a “literatura industrial”, surgida em 1839, constitui um dos marcos.<sup>11</sup> Se não havia mais dúvida para os contemporâneos de que se vivia uma mudança radical de época e que as belas letras tinham cedido o lugar a uma forma degradada de literatura, impulsionada pela agitação e a velocidade, é porque, de uma certa maneira, as indústrias culturais<sup>12</sup> haviam substituído o antigo sistema das belas artes.

Em um universo em que o melodrama e o vaudeville tinham eliminado da vista do grande público a tragédia clássica e o drama romântico, no qual, do mesmo modo, a

<sup>8</sup> Jean-François Botrel, “L’exportation des livres et des modèles éditoriaux français en Espagne et en Amérique latine (1814-1914)”, *Les Mutations du livre et de l’édition dans le monde du XVIII<sup>e</sup> siècle à l’an 2000*, dir. Jacques Michon et Jean-Yves Mollier, Québec, Les Presses de l’université Laval/Paris, L’Harmattan, 2001, p. 219-240.

<sup>9</sup> Louis Reybaud, *César Falempin*, Paris, Michel Lévy frères, 1845, 2 vol., t. I, p.237 ; et Jean-Yves Mollier, *Michel et Calmann Lévy ou la naissance de l’édition moderne. 1836-1891*, Paris, Calmann-Lévy, 1984, p. 76-77.

<sup>10</sup> Lise Dumsay, *La Querelle Du Roman-feuilleton. Littérature, presse et politique, un débat précurseur*, Grenoble, ELLUG, 1999.

<sup>11</sup> Augustin Sainte-Beuve, “De la littérature industrielle”, *Revue des Deux Mondes*, 1<sup>o</sup> setembro de 1839, reeditada em Sainte-Beuve, *Pour la critique*, Paris, Gallimard, coll. “Folio Essais”, 1992, p. 197-222.

<sup>12</sup> O termo “indústrias culturais” remete ao desenvolvimento do capitalismo editorial do século XIX na Europa, tal como discutido por Jean-Yves Mollier no livro *O dinheiro e as letras: história do capitalismo editorial*. Tradução de Kátia Camargo. São Paulo: Edusp, 2010, e não ao conceito de “indústria cultural” de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, “A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”, in: *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zorge Zahar Ed., 1985, p. 113-156 – nota dos tradutores.

eloquência e a poesia viam suas posições esmigalhadas pelo romance, restava pouco lugar para a cultura tradicional. *L'Auberge des Adrets* e *Robert Macaire* encantavam os espectadores do *boulevard du crime* e, no folhetim da imprensa cotidiana, não era mais a crítica, literária ou dramática, que se procurava, mas as ficções saídas do cérebro e da imaginação de Dumas Pai, ou, o que parecia ainda pior, de Paul Féval e de Eugène Sue. Transportado pelo caminho de ferro que parte da França em 1837, depois pelo barco a vapor além dos mares e das fronteiras, o jornal não exportava mais somente ideias e opiniões, e mesmo ideologias, como na época das Luzes ou da Grande Revolução, mas ficção e entretenimento, a fim de preencher os lazeres do negociante, do advogado ou do médico residente em Roma, Madri, Porto, Lisboa, Havana, Cidade do México ou Valparaíso.<sup>13</sup>

O exemplo do *Correo de Ultramar*, impresso em Paris, de 1842 a 1886, e subintitulado “periódico, político, literário, mercantil y industrial” é muito esclarecedor sobre esse ponto. Concebido e redigido por um certo Lapeyre na capital francesa, esse jornal, dispondo de um suplemento “literário y de modas”, partia duas vezes por mês da rua do Faubourg-Montmartre, onde era impresso em espanhol para o Novo Mundo. Dispondo de uma rede muito densa de correspondentes instalados em Havana e em Granada nas Antilhas, em Charleston, Nova Orleães, Vera Cruz e Cidade do México na América do Norte e central bem como no Rio de Janeiro, Montevidéu, Santiago do Chile, Valparaíso, Arequipa, Lima, Bogotá, São Salvador e Caracas na América do Sul,<sup>14</sup> ele estava em vias de cobrir um território imenso e de levar a eles rapidamente tanto a cultura quanto a moda e as frivolidades mais apreciadas em Paris. Mais interessante para nosso ponto de vista é a iniciativa tomada pelo fundador, Lapeyre, em 1842, de publicar em francês e em tradução espanhola (castelhana, evidentemente) os grandes romances de Dumas Pai, a começar por *Le Cabaret rouge*, como aqueles de Paul Féval e de Frédéric Soulié, seguidos dez anos mais tarde pela segunda estirpe do folhetim, os Pierre Zaccone, Adolphe Guérault, Eugène Richebourg ou Elie Berthet, que nosso Pantéon literário e nossas histórias não menos literárias inexoravelmente eliminaram de nossas memórias.

Longe de ser único ou de ter sido um fogo de palha, este *Correo de Ultramar* que Lapeyre dirigia desde Havana, onde ele residia, era um dos elos de uma cadeia solidamente forjada com o propósito de fazer irradiar na América as produções francesas. Podemos citar *El Correo transatlántico. Periódico mensual* ou *El Correo de Europa* publicados a partir de 1849, *El Eco del Mundo católico, periódico, universal, religioso, político, científico, y literário*, após 1854, como *El Eco hispano-americano. Revista quincenal*,<sup>15</sup> mas houve dezenas de outros, que ninguém mais lê, que jamais foram estudados pelos pesquisadores e que são solenemente ignorados pelas histórias da imprensa publicadas atualmente. No entanto, seu papel foi essencial para a penetração da língua e da cultura francesas na América do Sul. Desse ponto de vista, é necessário levar a sério esta observação do herói do último romance de Mario Vargas Llosa, quando ele explica sua precoce atração pela Cidade-Luz: “Desde que eu tinha a idade da razão, sonhava morar em Paris. Provavelmente por causa de meu pai e de seus romances de Paul Féval, de Júlio Verne e de Alexandre Dumas e de tantos outros que ele me fez ler [...] Esses livros tinham me recheado a cabeça de aventuras e persuadido que na França a vida era mais rica, mais alegre, mais bela e tão completa como em nenhuma outra parte”.<sup>16</sup> Se se encontra nessa evocação uma parte dos clichês veiculados por

<sup>13</sup> Sobre o desenvolvimento da imprensa, no século XIX, ver Marie-Eve Thérenty e Allain Vaillant, 1836. *L'an I de l'ère médiatique*, Paris, Nouveau Monde éditions, 2001, et Marie-Eve Therenty, *La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIX siècle*, Paris, Seuil, 2007.

<sup>14</sup> Diana Cooper-Richet, “La presse em espagnol em France au XIX siècle », in *La Civilisation du journal*, dir. Dominique Kalifa et Alain Vaillant, à paraître em 2008.

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> Mario Vargas Llosa, *Tours et détours de la vilaine fille*, trad. Fr., Paris, Gallimard, 2006, p. 17.

Hemingway em *Paris est une fête* ou Alejo Carpentier em *Le Recours de la méthode*, quando ele coloca na boca do ditador de sua narrativa: “Paris era o país da Cocanha e a terra prometida”,<sup>17</sup> Mario Vargas Llosa sublinha a permanência dos livros franceses nas bibliotecas do Novo Mundo, o que não tem nada de um estereótipo, mas procede de um lúcido reconhecimento de dívida frente aos pioneiros das transferências culturais, que foram os redatores de jornais franceses redigidos em espanhol.

Onipresentes sobre o continente ao ponto de terem sido em geral imitados, contrabandeados ou simplesmente adaptados,<sup>18</sup> os jornais franceses estavam disponíveis nos cafés, nos círculos, nos gabinetes de leitura e bibliotecas das grandes cidades. Utilizados como matriz da imprensa mexicana moderna ou de seu correspondente no Brasil, eles eram, além do mais, sustentados nesse país pela presença da casa editora Garnier e Irmãos, que nele escoava, desde os fins dos anos 1840, as produções da livraria Garnier e Irmãos de Paris e os periódicos que ela possuía ou difundia. Ponto superior de uma rede que se estendia por todos os países de língua espanhola, essa empresa merecia um longo estudo. Este foi feito por Eliana de Freitas-Dutra no que concerne ao *Almanaque Garnier* do Rio de Janeiro para os anos de 1903-1914,<sup>19</sup> e por Laura Suarez de la Torre para o México da primeira metade do século XIX.<sup>20</sup> Com *Los mexicanos pintados por si mismos*, publicado em 1854, que retoma a coletânea *Français peints par eux-mêmes*, surgida quinze anos antes e *Le Tour de la France par deux enfants*, que produzirá uma narrativa comparável adaptada ao México após 1880, vê-se bem que a globalização dos modelos culturais não esperou o fim do século XX para se implementar e que as velocidades de difusão desses produtos das indústrias culturais então em gestação não eram quase nada inferiores àquelas que observamos hoje. Do clic instantâneo do mouse do computador ao barco a vapor que demorava três semanas para alcançar Valparaíso, a distância pode parecer enorme ao leitor superficial. Ela não é, evidentemente, para quem quer admitir que Alexandre Dumas era lido na imprensa na América do Sul, em francês e em espanhol, quase no mesmo momento que na Europa, o que torna derrisória toda vaidade retrospectiva do possuidor do *computer* ou do *reader*.

## GABINETES DE LEITURA E LIVRARIAS DO NOVO MUNDO

Enquanto a análise do *Correo de Ultramar* não foi feita e a presença de seu proprietário, Lapeyre, em Havana, desde 1842, não foi comprovada, a história do charuto batizado *Monte-Cristo* poderia parecer se valer da lenda logo após inventada. Na medida em que, ainda hoje, a prática da leitura em voz alta nas oficinas de certas manufaturas de tabaco e fábricas é atestada em Cuba, já não existe razão de se mostrar cético quanto a esse exemplo de transferência ao mesmo tempo cultural e alimentar ou tabagista bastante original. No entanto, a leitura da imprensa foi muito rapidamente substituída por aquela de livros e isso de modo igualmente muito engenhoso. Sabe-se hoje que a famosa Mudie's Circulating Library de New Oxford Street em Londres se desfazia a cada cinco anos dos seus estoques de livros e os expedía ao estrangeiro, de São Petesburgo ao Rio de Janeiro, onde eles vinham reforçar os fundos dos gabinetes de leitura locais.<sup>21</sup> O comércio dos livros de *second hand*, como se diz

<sup>17</sup> Alejo Carpentier, *Le Recours de la méthode*, trad. fr., Paris, Gallimard, 1975.

<sup>18</sup> Ver as atas do colóquio de Montpellier intitulado *Presse, identités nationales et transferts culturels au XIX siècle*, dir. M. E. Thérenty et A. Vaillant, 2008, para numerosos exemplos concernentes ao México sobre essa questão.

<sup>19</sup> Eliana R. de Freitas-Dutra, *Rebeldes literários da República: história e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier, 1903-1914*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005.

<sup>20</sup> Laura Suarez de la Torre “Lecotres-actores mexicanos, lecturas extranjeras: influencias para la formación de una cultura nacional” in *Política, Nação e Edição. O lugar dos impressos na construção da vida política*, E.R de Freitas-Dutra e J. Y. Mollier, Orgs, Belo Horizonte, Anablume, 2006, p. 213-226.

<sup>21</sup> Guinevere Guiest, *Mudie's Circulating Library and the Victorian Novel*, Londres, David and Charles, 1970.

nos países de língua inglesa, é doravante relativamente bem conhecido nesses locais, mas não é o caso das atividades similares efetuadas em outros países e não somos capazes de dizer se os proprietários de gabinetes parisienses imitavam Charles Edward Mudie, nem para quais países eram orientadas suas expedições ou se elas eram, neles, tão sistemáticas quanto na Inglaterra.

Felizmente, para nós, a estatística aduaneira nos informa sobre os volumes de trocas e se percebe, consultando-a, que os livros impressos em francês e enviados ao México pesavam ainda 1783 quintais métricos em 1913,<sup>22</sup> o que deve representar perto de 350000 a 400000 volumes anuais.<sup>23</sup> Até a Colômbia, o peso era de 912 quintais, de 1034 até a Argentina, 1278 até o Brasil, 896 até o Chile e convém acrescentar a esses dados o valor das exportações de livros impressos em línguas estrangeiras, aqui principalmente o espanhol, seja 207 quintais suplementares para a Colômbia, 466 para o Chile, 484 para o México, 490 para o Brasil e 1162 para a Argentina.<sup>24</sup> Para refinar ainda mais nosso conhecimento desses mecanismos, pode-se estimar em 8% do total de exportações francesas de livros, ou seja, 590 quintais, a parte que voltava à América Latina em 1835; a 5%, ou seja, 1850 quintais, em 1890; e a 13%, 5036 quintais, a proporção dos livros impressos em 1913.<sup>25</sup> Longe de ter caído, as exportações tinham crescido durante quase todo o longo século XIX, e a parte relativa ao continente sul-americano não tinha cessado de aumentar, o que, mesmo com números e de modo um pouco trivial, permite melhor compreender por que os escritores latinoamericanos continuaram a considerar a França como sua segunda pátria e Paris como a cidade de todos os seus sonhos até os anos 1960 ou 1970.<sup>26</sup>

Se nos detemos ainda um instante nesses números, vemos que eles desenham os contornos de dois conjuntos de leitores razoavelmente diferentes. A literatura francesa publicada em sua língua apaixonava as elites cultivadas, aquelas que se reclamavam de Auguste Comte no Brasil, de Jean-Jacques Rousseau na Colômbia e na Venezuela, e de Dumas, de Hugo e de Júlio Verne na Argentina, no México, no Peru e no Uruguai. Quanto às traduções em espanhol, elas visavam um público menos afortunado, menos educado, mas desejoso de conhecer as novidades da Velha Europa e, entre essas, a moda de Paris, no meio da qual o romance-folhetim brilhava com mil luzes. A investigação conduzida por Franco Moretti sobre os caminhos tomados no século XIX pelo romance inglês e francês provou não somente a esmagadora dominação de Walter Scott no início do período e aquela de Dickens, Dumas e Sue nos anos de 1850-1860,<sup>27</sup> mas a exportação para toda parte no universo desse “imaginário melodramático” nascido sobre as margens do Tamisa e do Sena.<sup>28</sup> Retomando as conclusões desse estudo e comparando-as com a situação do Brasil no mesmo período, Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos constata a presença massiva de Alexandre Dumas ao mesmo tempo nos catálogos dos gabinetes de leitura do Rio de Janeiro e nos anúncios de jornais.<sup>29</sup>

No que concerne ao impacto das traduções, seu estudo é ainda mais notável. Amparado em um exame minucioso e exaustivo de romances ingleses que circularam no Rio no século XIX, ou seja, 502 títulos concernentes a 99 autores, ela constata que menos de 50%

<sup>22</sup> Aproximadamente 178 toneladas. 1 quintal métrico equivale a 100 quilogramas – *nota dos tradutores*.

<sup>23</sup> Olivier Godechot e Jacques Marseille, “Les exportations de livres français au XIX siècle. 1789-1914”, Paris, IMEC Ed. – Ed. De la MSH, 1997, p. 380-381.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 373-381.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 378-379.

<sup>26</sup> Pierre Brunel, dir., *Paris et le phénomène des capitales littéraires*, Paris, Presses de la Sorbonne, 1984, 3 vol.

<sup>27</sup> Franco Moretti, *Atlas of the European Novel. 1800-1900*, Londres, Verso, 1999, trad. fr., *Atlas du roman européen. 1800-1900*, Paris, Seuil, 2000.

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos, “Romans et commerce de librairie à Rio de Janeiro au XIXe siècle”, in: *Histoire et Civilisation du Livre. Pour une histoire transnationale du livre*, vol. VIII, 2012, p. 227-248 - ISSN 1661-4577.

desses romances - 225 títulos para ser preciso - foram difundidos em sua língua original, mas que 146 outros títulos o foram em tradução francesa, 128 em tradução portuguesa e 3 em espanhol.<sup>30</sup> Isso significa que no Rio de Janeiro, de 1830 a 1880, um brasileiro encontrava mais facilidade para ler a literatura britânica em sua língua ou em francês do que em inglês, o que instiga a imaginação sobre o poder da tradução e a capacidade do tradutor de dar a conhecer as últimas publicações de Londres ou de Paris. Essa pesquisa confirma a presença das grandes casas de edição parisienses no comércio internacional dos livros, Hachette em primeiro lugar, distante de Routledge, mas ela ressalta sobretudo a extrema diversidade dos editores participantes dessas trocas internacionais, o alemão Tauchnitz, o brasileiro Garnier e Irmãos, o belga Alphonse Lebègue ou o americano Peterson estando igualmente interessados pelos lucros gerados pelo mercado da tradução literária.<sup>31</sup> Encontra-se nesta lista um certo número de editores que não hesitam em contrabandear publicações estrangeiras para não pagar os direitos autorais - Tauchnitz, Lebègue, Chapman e Hall são desses - mas se vê também que o romancista Alexandre Dumas podia ser lido em francês, em inglês, em espanhol ou em português pelos cariocas do século XIX, o que raramente foi sublinhado até aqui, porque convencionou-se admitir que as elites do mundo inteiro liam em francês as obras de arte de nossa literatura.

## ALEXANDRE DUMAS E A GLOBALIZAÇÃO DA TRADUÇÃO NO SÉCULO XIX

Desde 1966, José Montesinos tinha mostrado que, no que concerne à Espanha, a parte da tradução de romancistas franceses nas publicações dos anos 1840-1860 era esmagadora, porque ela representava 80% do conjunto desse mercado que, ele próprio, se aproximava de 30% da produção literária.<sup>32</sup> Outros autores destacaram a rapidez com a qual as obras eram traduzidas, a partir de sua publicação no folhetim dos jornais, e Alexandre Dumas foi, com Eugène Sue, o autor que mais se aproveitou desse entusiasmo - uma “apothéose” para José Montesinos - que acrescenta que “durante todo el siglo XIX, su gloria no sufre eclipse alguno entre nosotros”.<sup>33</sup> Hispanizando a obra de Alexandre Dumas ou a de Pablo Feval, os tradutores espanhóis não traíram seus autores-fetiche, como se escreveu um pouco apressadamente ao se estudar, para lamentá-las, as mediócras traduções do século XIX. Bem ao contrário, eles serviram de fermento à constituição de literaturas nacionais, como o sublinha a justo título Jean-François Botrel<sup>34</sup> e é vão lançar aos mediadores culturais<sup>35</sup> de uma época desaparecida um processo anacrônico que a evolução das teorias em matéria de tradutologia não justificaria. Certamente, a nacionalização das produções estrangeiras chegou em muitos casos a alimentar o nacionalismo dos povos que construíam seu Estado-nação e exaltavam a superioridade de sua língua,<sup>36</sup> mas esse processo era quase universal e se acompanhava também de um culto dos grandes romancistas estrangeiros que não se pode subestimar. É talvez um dos paradoxos mais estranhos do fim do século XIX ter visto os povos concordar com a celebração dos grandes romancistas franceses - um após o outro, Dumas, Hugo e Zola, desaparecidos em 1870, 1885 e 1902 - e nacionalizar seu estilo para

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> José F. Montesinos, *Introducción a una historia de la novela en España, en el siglo XIX*, Madrid, Castalia, 1966.

<sup>33</sup> Ibid, p. 91-93.

<sup>34</sup> Jean-François Botrel, *L'acclimatation du roman populaire français en Espagne, Oeuvres et critiques*, t. II (2006), p. 10-23.

<sup>35</sup> No original, “passeur culturel”. Ver Diana Cooper-Richet, “Introduction”, In: *Passeurs culturels dans le monde des médias et de l'édition en Europe (XIX<sup>e</sup> et XX<sup>e</sup> siècle) sous la direction de Diana Cooper-Richet, Jean-Yves Mollier, Ahmed Silem*, Villeurbanne Cedex: Presse de l'enssib, 2005, p. 13-14 – nota dos tradutores.

<sup>36</sup> Anne-Marie Thiesse, *La Création des identités nationales. Europe, XVIII-XIX siècles*, Paris, Seuil, 1999.



fazer nascer suas próprias glórias locais, Perez Galdos na Espanha, dissemos, mas também Leopoldo Alas ou Emilia Pardo Bazan, bem como outros escritores realistas dos anos 1880.<sup>37</sup>

Dumas tinha consciência desse fervor que o circundava e sua expedição italiana, em 1860, lhe confirmou sua excepcional popularidade. Se Garibaldi havia chegado a conduzir até Roma seus companheiros e ali proclamar “Re da Italia”<sup>38</sup> Victor-Emmanuel, nenhuma dúvida de que Dumas teria sido logo proclamado general do exército nacional e condecorado com as mais altas distinções pelo serviço prestado a esse Estado que recobria seus direitos imemoriais. Se ele tivesse tentado atravessar o oceano Atlântico e tivesse aportado na América do Sul, a Águia de Bolívar lhe teria sido atribuída e seus leitores entusiastas o teriam seguido durante toda sua turnê no Novo Mundo. O célebre Phineas Taylor Barnum já tinha visto seu nome de família se transformar em nome comum nos anos de 1850, para o périplo americano de Rachel, e o culto das vedetes do teatro estava então em seu apogeu, preparando aquele das estrelas de cinema do século XX. De uma só vez herói, vedete e estrela, Dumas é “uma figura central da história da cultura popular”<sup>39</sup> por várias razões, mas também porque sua influência sobre a evolução desse gênero literário foi das mais importantes. Sabe-se o que lhe devem um Arthur Conan Doyle na Grã-Bretanha, Michel Zévaco na França, Benito Perez Galdos na Espanha, mas é provável que um estudo mais aprofundado, conduzido em cada país da América do Sul, estendesse a lista dos devedores do romancista. Inspirando-nos em métodos que permitiram a Marlyse Meyer escrever sua história do folhetim no Brasil e desenvolver as filiações com a França,<sup>40</sup> chegaríamos a uma sorte de genealogia da literatura latino-americana que esclareceria ainda melhor sua gênese.

Traduzido na maior parte das línguas do planeta, mas mais massivamente em espanhol, Alejandro Dumas ilustra os processos de globalização da tradução em curso no século XIX. Não se trata mais, com efeito, como no nascimento das grandes revistas políticas e culturais do tipo da *Edinburgh Review* ou de sua grande rival, a *Quarterly Review*, de crítica erudita e de estudo comparado dos autores mais renomados.<sup>41</sup> Trata-se, antes, do que chamamos tradução, quer ela seja completa ou fragmentada, respeitadora ou não das intenções do autor, e de sua expansão no universo graças à difusão da imprensa e dos livros destinados ao grande público. Nesse sentido, um obstáculo foi ultrapassado próximo aos anos 1840 e, mais ainda que para Walter Scott ou Eugène Sue, são Dumas e Dickens que simbolizam melhor essa mudança. Onipresente, viu-se, no México, na Argentina, no Uruguai, no Peru, mas também na Colômbia, em Cuba ou na Venezuela, Alejandro Dumas colonizou as mídias de seu tempo a um ponto desconhecido antes dele e, talvez, inigualado antes de 1914. A popularidade de Victor Hugo, por causa do sucesso de *Os miseráveis* e aquela de Zola graças a *Germinal* foram excepcionais, mas não é totalmente certo que elas possam se comparar àquela que envolveu Dumas Pai.<sup>42</sup> O caráter prolífico de sua criação, a lista desmesuradamente extensa de seus romances populares contribuiu grandemente para mantê-lo durante quase vinte anos no topo da lista. Fazendo a felicidade de seus inumeráveis

<sup>37</sup> J.-F. Botrel, “L’Exportation des livres et des modèles éditoriaux français en Espagne et en Amérique latine (1814-1914)”, *Les Mutations du livre et de l’édition dans le monde du XVIII siècle à l’an 2000*, op. cit.

<sup>38</sup> “Re da Itália”, título atribuído a Victor-Emmanuel, por governar como monarca a península italiana após a unificação (1861-1878) – nota dos tradutores.

<sup>39</sup> Mattieu Letourneux, “Dumas inspireur du roman d’aventures historiques: quelques exemples en France, en Espagne, et en Grande-Bretagne”, *Dumas, une lecture de l’histoire*, dir. Michel Arrous, Paris, Maisonneuve et Larose, 2003, p. 507-533.

<sup>40</sup> Marlyse Meyer, *Folhetim, uma história*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

<sup>41</sup> D. Cooper-Richet, “Revue anglaises, revues françaises: des formes d’échanges multiples”, *La Belle Époque des revues. 1880-1914*, dir. Jacqueline Pluet-Despatin, Michel Leymarie e J. Y. Mollier, Paris, Ed. De L’IMEC, 2002, p. 361-382.

<sup>42</sup> D. Cooper-Richet e J.-Y. Mollier, “Le roman populaire du XIX siècle: à l’origine des rituels de participation et d’identification”, *Les Cultes médiatiques*, dir. Philippe Le Guern, Rennes, PUR, 2002, p. 53-65.

tradutores em espanhol até o fim dos anos 1850, quer dizer, antes que acordos internacionais protegessem sua propriedade literária nesse país, ele conheceu de maneira duradoura o que outros escritores viveram com um único título.

Assim se poderia facilmente opor-lhe a excepcional aura que envolveu Harriet Beecher Stowe quando ela publicou *Uncle Tom's Cabin* em 1852. Com 41 edições em inglês registradas ao fim de 1853 e mais de 300000 exemplares vendidos nessa única língua em dois anos, oito traduções francesas disponibilizadas em 1879 e múltiplas outras em mais de vinte línguas, adaptações para o teatro e mesmo para music-hall, a reprodução dos personagens em pratos, candeeiros ou cachimbos etc. e, bem entendido, a pré-publicação, de junho de 1851 a abril de 1852, de quarenta e cinco capítulos no folhetim do *National Era*,<sup>43</sup> ela parece possuir todos os atributos que permitem lhe conferir a palma nesse domínio. No entanto, a comparação é enganosa, pois, se é certo que a autora, abolicionista convicta, encontrou uma acolhida muito calorosa quando de sua turnê europeia em 1853, tanto em Londres quanto em Paris, ela foi a autora de um livro, e não de uma coleção ou de uma série, mesmo de uma saga, como era já a norma no tempo de Balzac e, *a fortiori*, de Dickens e de seus *Household Words*, nos quais ele publicava seus romances e os de pessoas próximas. Por esse fato, o escritor britânico se presta muito melhor que sua consorte americana à comparação, e encontra-se na imprensa, nas bibliotecas e nos catálogos dos livreiros da América do Sul a lista quase completa de suas obras em tradução, concomitante à publicação em sua língua de origem na Europa. Por esse traço, ele se aproxima totalmente de Alexandre Dumas, mesmo se ele se distingue pelo caráter mais modesto de sua vida privada e sua recusa em intervir na vida política de seu país e na de seus vizinhos.

Encontra-se, com efeito, no romancista parisiense, esta multiplicidade de intervenções no domínio público que caracteriza hoje os fenômenos relativos à globalização. Pela confusão de sua vida privada com sua vida pública, ao ponto de confundir seu exílio puramente financeiro em Bruxelas, em 1852, com aquele dos republicanos franceses ameaçados de morte ou de prisão em seu país, Dumas obrigou as mídias a lhe consagrar permanentemente uma parte de sua atenção. Jornalista, dramaturgo e um tempo proprietário de seu próprio palco, o famoso Teatro Histórico de Paris, romancista, diretor do *Mousquetaire* e do *Monte-Cristo*,<sup>44</sup> ele acumulava razões para residir permanentemente no centro das atenções. Pelo seu modo de vida assaz exuberante, sua existência desenfreada, seus amores tumultuosos, suas numerosas viagens, mas também suas tomadas de posição em favor da liberdade de povos subjugados, ele multiplicava as razões para o considerar com simpatia ou mesmo para se entusiasmar com sua coragem, sua bonomia e sua sinceridade. Comentado, discutido, publicado, logo traduzido e exportado, notadamente do Rio Grande à Terra de Fuego, ele conheceu em vida os efeitos dessa primeira forma de globalização das trocas, que começava a imprimir ao mundo um aspecto de aldeia planetária. Bem entendido, não se pode sem excesso impelir o paralelo com nossa época até o limite, porque no coração da África e da Ásia o nome e as aventuras de Dumas eram desconhecidos, e a ausência de televisão interditava aos analfabetos absorver o conteúdo de suas obras.

O fim do século XX e o início do seguinte possuem então sua originalidade profunda, e seria vão ignorá-la. Focalizando, no entanto, essa primeira forma de globalização

---

<sup>43</sup> Claire Parfait, “Uncle Tom’s Cabin et l’histoire américaine: le prisme du paratexte”, *Cahiers Charles V* n° 32/2002, p. 147-174 e *The Publishing History of Uncle Tom’s Cabin. 1852-2002: à la recherche d’une histoire éditoriale “totale” d’un texte*, HDR, Université Paris-VII, 2006.

<sup>44</sup> Trata-se de dois jornais publicados e redigidos por A. Dumas. O primeiro número de *Le Mousquetaire* data de 21 de novembro de 1853 e o último de 07 de fevereiro de 1857. Já *Le Monte-Cristo* circulou entre 23 de abril de 1857 e 10 de maio de 1860. Houve outros jornais, com os mesmos nomes, em circulação na França após esses períodos, mas não estavam sob a direção de Dumas. Ver Claude Schopp, *Dictionnaire Alexandre Dumas*, CNRS Editions: Paris, 2010, p. 398 e p. 404-406 – *nota dos tradutores*.

da tradução literária, que corresponde muito precisamente a uma outra globalização da tradução, religiosa aquela porque concerne à difusão de passagens da Bíblia a milhões de exemplares em todos os continentes, quisemos destacar a importância das mutações provocadas pela revolução da indústria, das comunicações e do lazer no século XIX. Com a aparição da Torre Eiffel no céu de Paris em 1889 e a chegada ao Trocadéro, no mesmo ano, de Buffalo Bill e de seu Wild West Show, os parques de atração e os espetáculos de apelo universal começavam a fazer parte da modernidade e mesmo do cotidiano.<sup>45</sup> Criando personagens e um universo romanesco que se prestava admiravelmente à transmidialidade, a migração de um suporte a outro, Dumas Pai logo iria conhecer, ainda que *post mortem*, a glória no cinema. Ele tinha preparado essa sobrevivência e consagração escrevendo ficções que despertavam imediatamente inveja de tradutores ou editores, quando a ordem vinha de intermediários para adaptá-las ao público de seu país. Universal por esse aspecto, quase divino ou a isso aspirando pela plasticidade de suas obras facilmente transponíveis para o teatro, o cinema e a televisão, ele acompanhou de modo original o desenvolvimento do comércio marítimo no mundo. Se era agradável ao passageiro do barco que deixava Le Havre, Southampton, Sevilha ou Lisboa procurar seus romances em francês, em espanhol ou em português em uma biblioteca a bordo, era, de certo modo, um meio engenhoso encontrado por seus empresários dos dois continentes para lembrar aos viajantes e aos migrantes que, tanto na América quanto na Europa, Alexandre Dumas era considerado um gênio, provavelmente um dos maiores de sua época, e que não se podia viver sem ter lido suas obras principais.

Recebido em: 09 de agosto de 2014.

Aceito em: 03 de fevereiro de 2015.

---

<sup>45</sup> J.-Y. Mollier, “L’émergence de la culture de masse dans le monde”, *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques. 1860-1940*. dir. J.-Y. Mollier, J. F. Sirinelli e F. Vallotton, Paris, PUF, 2006, p. 65-80.